

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma Estética Marxista**: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

## PRIMEIROS PASSOS NA ESTÉTICA MARXISTA: COMENTÁRIOS À OBRA DE REFERÊNCIA

Tiago Collect<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
tiago.collect@acad.ufsm.br

György Lukács nasceu em 1885 e iniciou sua produção intelectual precocemente. A partir de 1902, já era presença frequente na imprensa húngara. Desde seus primeiros escritos até seus últimos, por volta de 1970/1971, notamos modificações, revisões e autocríticas em sua obra. Apesar da vastidão de seus trabalhos, é possível observar diferenças internas significativas. Ainda assim, há um consenso entre estudiosos de que Lukács foi um destacado pensador marxista ao longo do século XX.

Embora sua obra tenha passado por inflexões, identificamos um fio condutor que sugere uma unidade fundamental em seu pensamento. Seu primeiro trabalho de repercussão europeia foi *A alma e as formas* (1911), de inclinação neokantiana. Com *A teoria do romance* (1916), Lukács adentra a história, migrando de Kant para Hegel. Essa obra tornou-se fundamental na teoria literária, ao explorar a história do romance como forma literária, destacando suas peculiaridades e influências hegelianas. Enquanto crítico literário, adotou uma perspectiva que insere a obra de arte em seu contexto social e histórico, rejeitando o modernismo literário representado por Kafka, Joyce e Beckett, e defendendo vigorosamente o realismo na literatura.

---

<sup>1</sup> Licenciado e atualmente mestrando em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Desenvolve pesquisa na área de Literatura Comparada, com enfoque na relação entre a literatura, outras artes e mídias.

# Revista Resenhando

Para além de sua atuação como crítico, Lukács é reconhecido como um dos mais proeminentes intelectuais marxistas da era stalinista. Em *História e Consciência de Classe* (1923), tornou-se fundador e um dos pioneiros do marxismo ocidental. Contudo, acabou distanciando-se da ortodoxia soviética após a morte de Stalin. Suas teorias da reificação e análise ontológica em obras como a *Estética* (1963) e *Para Uma Ontologia do Ser Social* (1984/1986) exploram questões como a condição humana, alienação e contradições sociais. Em *A Destruição da Razão* (1954), Lukács analisou o “irracionalismo” de filósofos alemães como Schelling, Nietzsche e Heidegger, mapeando como essas correntes de pensamento contribuíram para o nazismo ou a ele se associaram.

Conforme apresentado na nota editorial da edição, *Introdução a uma Estética Marxista* teve sua primeira edição em italiano com o título *Prolegomeni a un' estetica marxista* (Editori Riuniti, Roma, 1957). A versão alemã também foi produzida, porém sua circulação foi interrompida em 1956 devido à participação de Lukács nos eventos que resultaram na intervenção soviética na Hungria. Somente em 1967, uma edição integral em alemão foi publicada com o título *Über die Besonderheit als Kategorie der Aesthetik* (Luchterhand Verlag, Neuwied-Berlim). A edição em questão, veiculada pelo Instituto Lukács, abriga obras com licença *Creative Commons*, possibilitando cópia, distribuição e transmissão, desde que haja correto crédito e sem fins comerciais.

A tradução em pauta segue a estrutura de capítulos do texto original em alemão, cabendo a Leandro Konder a tradução do prefácio e do primeiro capítulo, enquanto Carlos Nelson Coutinho ficou responsável pelas demais partes. O escrito se caracteriza como uma introdução ao campo da estética sob uma ótica que entrelaça arte e reflexos sociais. Destaca-se por ressaltar a importância do conceito de particularidade na estética que, na perspectiva lukatiana, investiga principalmente sua elaboração histórico-filosófica e seu papel na expressão artística. Tal conceito acaba por ser fundamental para a compreensão da monumental *Estética*.

|                    |             |      |      |                |
|--------------------|-------------|------|------|----------------|
| Revista Resenhando | Alfenas, MG | v. 6 | n. 2 | ISSN 2675-7036 |
|--------------------|-------------|------|------|----------------|

# Revista Resenhando

Lukács, no primeiro, revisita o pensamento kantiano e a abordagem de Schelling sobre a lógica do particular. A Dialética Transcendental de Kant centraliza-se na natureza do conhecimento humano e na relação sujeito-objeto. Schelling, por outro lado, avança a problemática do pensamento discursivo e intuitivo kantiano, buscando transcender as limitações de Kant. Ampliando o conceito de vida orgânica, ele incorpora à arte a dialética histórica. Para Lukács, a estética de Schelling vai além de Kant ao relacionar o antigo e o moderno por meio da dialética entre universal (gênero) e particular (indivíduo), influenciando o pensamento estético subsequente na conexão entre natureza e espírito.

No segundo capítulo, Lukács busca superar Hegel. José Paulo Netto (1978) nota que, após a luta filosófica comum de Hegel e Schelling contra o idealismo subjetivo, Lukács reconhece em Schelling o “iniciador da revolução filosófica na Alemanha” (p.34), destacando as trajetórias distintas dos dois pensadores no âmbito do idealismo objetivo. Durante a leitura, torna-se evidente que tanto Kant quanto Schelling abordaram as questões de universalidade e particularidade sob uma perspectiva predominantemente biológica. No entanto, negligenciaram a relevância dessas questões nas ciências histórico-sociais após a Revolução Francesa. Assim, Kant, influenciado pelo Iluminismo pré-revolucionário, traduziu os problemas sociais para uma linguagem idealista alemã, mas não ajustou suas concepções metodológicas pós-revolução. Schelling, ao contrário, rejeitou a Revolução Francesa, o que o impediu de incorporar suas vivências em sua filosofia. Hegel, por sua vez, focou em compreender as transformações sociais de sua época e, posteriormente, integrou os problemas da filosofia da natureza em seu sistema, superando as limitações enfrentadas por Kant.

Após abordar esse “problema filosófico”, Lukács avança para discutir a particularidade sob a ótica do materialismo dialético, que, por definição, é como “uma teoria geral do ser que, em contraposição à ‘metafísica’, privilegia o movimento e as contradições e toma o mundo material como o dado primário que, na consciência, dado secundário, aparece como reflexo” (Netto, 2006, p. 54). No

|                    |             |      |      |                |
|--------------------|-------------|------|------|----------------|
| Revista Resenhando | Alfenas, MG | v. 6 | n. 2 | ISSN 2675-7036 |
|--------------------|-------------|------|------|----------------|

# Revista Resenhando

cotidiano, frequentemente confundimos o universal (aplicável a todos) com o particular (específico), o que também se reflete na formulação de conceitos científicos e filosóficos, em que os extremos (universal e singular) são mais explorados do que os meios intermediários. Durante a leitura, fica evidente que a importância do particular como resultado na reflexão científica da realidade não pode ser ignorada, embora isso não signifique desviar-se da direção indicada pela linha principal do pensamento científico.

A dialética aqui é caracterizada pela constante conversão entre opostos, essencial para uma compreensão autêntica da realidade. Dessa maneira, a relação entre teoria e prática também é dialética, influenciando-se mutuamente. Nesse momento, Lukács indiretamente faz referência ao materialismo histórico, que implica “a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao estudo da sociedade” (Netto, 2006, p. 54). Ele ressalta a tendência de tratá-las como ciências separadas, como observado no período stalinista, enfatizando a importância de integrar o materialismo dialético e o materialismo histórico como partes essenciais e interligadas (Lukács, 1966, p. 14).

Em seguida, é abordado o problema do particular em Goethe e no Iluminismo. Os pensadores iluministas acreditavam na capacidade do conhecimento e da reflexão crítica em esclarecer a humanidade, afastando-a da ignorância e da superstição. Entretanto, havia uma discrepância notável entre a teoria estética e a prática artística nesse período. Enquanto os artistas criavam obras aplicando categorias estéticas intuitivamente, os pensadores se esforçavam para compreender essas mesmas categorias de maneira mais abstrata. Lukács ilustra essa questão a partir da polêmica entre Lessing, Diderot e Hurd na Dramaturgia de Hamburgo, em que as influências sociais começam a moldar a produção e a teoria artísticas.

Quanto a Goethe, Lukács destaca novamente a distinção na filosofia clássica alemã e também a especificidade na abordagem do autor. A principal diretriz era investigar filosoficamente a ideia do desenvolvimento, que estava vinculada às importantes descobertas científicas do final do século. Goethe também se

interessava por esse enfoque. Inicialmente, embora possuísse uma consciência filosófica limitada e uma tendência empirista e materialista, ao entrar em contato com a filosofia clássica, a dialética de Goethe tornou-se mais consciente, embora ele nunca tenha atingido total clareza metodológica no que se refere ao método dialético, que “tende a conceber todos os setores do ser e da consciência como um processo histórico movido por contradições” (Lukács, 2018, p. 48). O que o distinguia de outros filósofos contemporâneos era seu materialismo espontâneo; conforme Lukács (2018, p. 22), “Marx descobre em Duns Scot um materialismo espontâneo, disfarçado sob véus teológicos, e o define como a ‘primeira expressão’ do materialismo”. Assim, Goethe frequentemente confrontava os idealistas, como no diálogo com Schiller sobre o “fenômeno originário”, no qual Schiller afirmava que não se tratava apenas de uma experiência, mas também de uma ideia. Embora Goethe não tenha explorado completamente as implicações filosóficas das grandes transformações sociais de sua época, em sua poesia ele revelou uma perspectiva distinta.

Nos dois últimos capítulos, Lukács adentra de fato na proposta da estética, discutindo o particular como categoria central. Ressalto a seguir três pontos que contemplam a proposta do autor. O primeiro pilar dessa discussão assenta-se no fato de que, como a arte reflete e refrata o contexto histórico ao qual foi produzida, ela acaba por tornar-se a própria autoconsciência humana e, assim sendo, não possui sua existência apartada do mundo concreto. Ou seja, é de vital importância, na criação artística, a noção de concretude; tentar ultrapassar objetivamente as bases nacionais ou a estrutura de classe de uma dada sociedade não só é uma impossibilidade, como também destruiria a própria arte.

O segundo ponto diz respeito à influência que a visão de mundo do autor exerce sobre o objeto estético. Isto pressupõe que toda obra de arte emerge de um contexto específico e o artista, sendo fruto deste contexto, não é neutro, pois terá a sua subjetividade moldada não só pelas relações de produção a que está submetido, como também pelas estruturas ideológicas que emergem destas

mesmas relações. A força da arte, portanto, reside em sua conexão com a realidade vivida – que depende, por sua vez, da tomada de posição do próprio artista frente à sua situação social.

O terceiro ponto trata da relação entre o prazer estético e a percepção do passado. A arte é sempre uma maneira de transcender o presente dos espectadores e leitores, permitindo que estes adentrem um universo onde o tempo se dissolve e as fronteiras da experiência humana se expandem. É evidente que o prazer estético que experimentamos transcende a mera apreciação visual: ele é um reflexo de nosso vínculo com o passado, pois a arte, em sua essência, funciona como um portal para eventos históricos e dramas humanos. Quando nos dedicamos à análise de pinturas, esculturas ou poesias, não estamos apenas observando formas e cores, mas também revivendo momentos que moldaram a trajetória da humanidade. Essa conexão vai além da compreensão racional; ela se estende aos nossos sentidos e afetividades. O fascínio da arte reside em sua capacidade de nos transportar para realidades distantes.

Dessa forma, ao criar, o artista universaliza sua individualidade, transpondo suas emoções, memórias e visões pessoais para formas que ressoam com a humanidade como um todo; os espectadores deixam de ser simples observadores para se tornarem participantes desse diálogo intemporal. Sendo assim, o prazer estético vai além da mera resposta sensorial; ele reflete nossa constante busca por significado e beleza, unindo-nos nesse rio de esperança<sup>2</sup> do “desenvolvimento do espírito no tempo” (Hegel, 1999, p. 67).

*Introdução a uma Estética Marxista* continua sendo relevante, não apenas por ser parte do extenso legado de um dos pensadores mais proeminentes do século XX, mas também por sua importância em uma reflexão mais ampla sobre o marxismo não apenas como um movimento político, mas como um movimento

---

<sup>2</sup> Aqui faço menção a Ernst Bloch, filósofo alemão reconhecido por contribuições para o pensamento marxista e por sua obra monumental sobre a filosofia da esperança. Bloch foi um dos pensadores que influenciaram e colaboraram com Lukács em sua jornada intelectual.

# Revista Resenhando

intelectual de grande influência histórica. Como aponta José Paulo Netto, ao resumir a proposta de Lukács,

*Introdução a uma Estética Marxista* é uma densa súpula histórica da categoria da particularidade, passando por Kant e Hegel e terminando nos “clássicos” do marxismo. Lukács vê no particular, campo de mediações entre o universal e o singular, o espaço específico da configuração artística, âmbito no qual se pode erguer a tipicidade. Fundando na particularidade a essência do estético, Lukács avança para determinar questões correlatas da elaboração artística: a relação conteúdo/forma (em que, para ele, o primeiro termo é o condicionante), o estilo, a técnica, a maneira, etc. (Netto, 1983, p.70).

Concluindo, é importante destacar que o valor literário de uma obra está intrinsecamente ligado tanto à estética quanto à ética. Embora Lukács não aborde diretamente o último aspecto, ao elaborar textos como a *Introdução a uma Estética Marxista* e a *Ontologia do Ser Social*, ele consegue explorar essa dinâmica de valoração. Num momento em que a forma literária é muitas vezes negligenciada em relação ao aspecto social de uma obra, a *Estética* de Lukács foge dessa simplificação. A partir da leitura, notamos que o valor social, seja no campo literário ou pictórico, está na **forma**, e que a sociologia é apenas um instrumento para analisar o fenômeno estético que se manifesta autonomamente através dessa forma.

## Referências

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. 2. ed. Trad. Maria Rodrigues Harden. Brasília: Editora da UnB, 1999.

LUKÁCS, Georg. **Aportaciones a la Historia de la Estética**. México: Grijalbo, 1966.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma Estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética**. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

NETTO, José Paulo. **Georg Lukács**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

|                    |             |      |      |                |
|--------------------|-------------|------|------|----------------|
| Revista Resenhando | Alfenas, MG | v. 6 | n. 2 | ISSN 2675-7036 |
|--------------------|-------------|------|------|----------------|

# Revista Resenhando

\_\_\_\_\_. **Lukács e a Crítica da Filosofia Burguesa.** 1. ed. Lisboa: Seara Nova, 1978.

\_\_\_\_\_. **O que é Marxismo?** 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Recebido em: 03/07/2024  
Aprovado em: 31/05/2025

|                    |             |      |      |                |
|--------------------|-------------|------|------|----------------|
| Revista Resenhando | Alfenas, MG | v. 6 | n. 2 | ISSN 2675-7036 |
|--------------------|-------------|------|------|----------------|